

MENINO DA CIDADE, DE FÉRIAS, NA ROÇA...

José Antônio de Ávila Sacramento

Um “causo” para as minhas irmãs Ana Maria e Neusa.

— Acho que menino devia ser proibido de tirar férias!

— Mas por quê?

— Já faz mais de uma semana que eles voltaram para a cidade e eu ainda não dei conta de arrumar os estragos que fizeram...

— O que aconteceu?

— Vou te contar... Tudo começou quando eu tive de buscar uma partida de gado lá pelos lados do Cajuru, no Batatal. Os netos tinham chegado para as férias de julho, reuniram com os filhos dos agregados e fizeram uma bagunça danada aqui. Enquanto a avó servia café com quitandas e conversava com algumas visitas, a garotada torceu o pescoço de duas galinhas e despejou meio saco de feijão no moinho de moer milho.

— Nossa compadre! Mas que meninos mais encapetados!

— Não te conto nada! Já misturaram os bezerros com as vacas de leite. Soltaram do pastinho as novilhas que já estavam vendidas, reservadas para o Sebastião Portela. De nada adiantou a avó gritar, o cachorro latir e nem o retireiro correr para acudir. Com aquele reboliço todo, o boi zebu, assustado, tentou fugir e quebrou a metade da cerca do curral, sem contar que um garrote pulou por cima do tapume e caiu do outro lado, com a perna quebrada.

— É, esses meninos são mesmo danados...

— Outro dia chegou mais visitas lá em casa... os cavalos delas, quando quiseram ir embora, estavam soltos, longe da casa, com os arreios caindo; passei uma vergonha danada! Semana passada, uma casa de João de Barro, construída no galho mais alto da figueira, foi quebrada a pedradas de bodoque. A caixa de marimbondos que existia na beirada do telhado foi cutucada com um bambu, até cair no chão. Era uma caixa de estimação, diziam que atraía boa sorte e dinheiro... Domingo, enquanto eu enrolava meu cigarrinho de palha, acocorado no terreiro, eles deram um jeito de soltar todos os porcos do chiqueiro. Quando com muito custo consegui prender a porcada, um relincho veio lá do pasto: aquele cavalo alazão, já meio aposentado, estava sendo atacado. Amarraram uma tocha de palha de bananeira secas no rabo dele e atearam fogo, fazendo o animal sair em debandada pelo pasto afora, quase espalhando o fogo pela macega. Não houve nem jeito para acudir, pois o animal não parava de galopar até que o fogo acabou com a metade do rabo dele.

— E aí compadre?

— Foi aí que a minha paciência acabou. Passei a mão na minha correia e com a calca caindo fui encontrar com os meninos. Estalei o cinto no ar. Ameacei dar umas correiadas. Vi que todo mundo ficou meio jururu, aí acalmei, despistei e me arrependi. Senti que aquilo fez muito mal pro meu coração...

— Uai foi mesmo?

— É, foi. Depois a patroa me disse que eu estava errado, que menino da cidade, de férias na roça, era assim mesmo! Naquela quadra as férias já estavam chegando no final e percebi que o dia dos meninos voltarem pra cidade já estava perto.

— Que baita alívio, compadre!

— Nem tanto. Fui ficando triste... Parece que até a fazenda entristecia também.

— Deveras...

— No dia deles irem embora, fiz força pra não chorar. Quiseram ir embora na carroceria do caminhão do leite, até no arraial. Eu quis ir junto, dei uma desculpa com medo deles aprontarem alguma coisa no caminho. Chegamos bem e começaram a subir na jardineira. Tomavam bênção e me perguntavam se no final do ano poderiam voltar...

— É claro que o compadre falou que não, né?!

— Falei foi: Deus abençoe a vocês e que São Miguel os acompanhe! Voltem no próximo feriado, porque o fim do ano vai demorar muito... Na volta, você não vai acreditar, mas me deu até vontade de chorar, ainda mais quando cheguei aqui e encontrei a fazenda triste. Afinal, compadre, menino da cidade, de férias, na roça, é assim mesmo! É ou não é, compadre?